

ESTUDOS CRÍTICOS

O COSMOS DE FOGO DE GASTON BACHELARD

Constança Marcondes CESAR
INSTITUTO DE FILOSOFIA - PUCAMP

O ponto de partida da meditação de Gaston Bachelard a respeito do fogo é o livro *A Psicanálise do Fogo*. Podemos dizer, primeiro, que o pensamento de Bachelard a respeito do fogo é um pensamento epistemológico. Trata-se, para este filósofo, de superar, através da disciplina metódica e científica, a sedução pelo objeto imediato, o encantamento ingênuo do homem diante do mundo.

Nosso pensador reconheceu que “os eixos da poesia e da ciência são inicialmente inversos”.¹ E, para ele, a tarefa da filosofia é “tornar complementares a poesia e a ciência”.² Para conseguir isso, nosso filósofo propõe uma psicanálise do conhecimento objetivo, isto é, um esforço metódico de compreensão das valorizações afetivas da matéria, um exame das condições do devaneio, buscando “a ação dos valores inconscientes, na base do conhecimento empírico e científico.”³

Bachelard escolhe o fogo, dentre os elementos da física antiga, porque existe, segundo nosso filósofo, uma valorização do fogo pelo senso comum, que se atém às evidências primeiras, às convicções ingênuas. Daí Bachelard afirmar: “O fogo e o calor fornecem os meios para explicação nos campos mais variados, porque são, para nós a ocasião de recordações imperecíveis”⁴ e podem, então, simbolizar a síntese dos contrários: o bem e o mal, a cólera e o ódio.

Mas podemos seguir, na obra de Bachelard, o caminho que conduz da epistemologia à poesia, da psicanálise à fenomenologia: ele deixa de lado, nos seus últimos escritos, o exame “das condições do devaneio”⁵, para buscar o mundo da metáfora, do devaneio, da poesia. A tarefa da filosofia que se entrega às imagens e aos símbolos é, segundo ele, descobrir o eixo das metáforas, enquanto via poética que leva do coração do homem ao coração das coisas.

Trata-se, para Bachelard, de esboçar uma estética concreta, uma estética dos elementos, da matéria, para nela encontrar a raiz da realidade.⁶

Bachelard procura elencar, na *Psicanálise do Fogo*, sob os nomes de “complexo de Prometeu”, “complexo de Empédocles”, “complexo de Novalis”, “complexo de Hoffmann”, seus estudos sobre os devaneios do fogo. Nós nos limitaremos a apresentar, aqui, as reflexões sobre Prometeu e Empédocles, e sobre o mito da Fênix, porque estes temas serão retomados na obra inacabada *Fragments de uma Poética do Fogo* e são, na nossa opinião, o fio de Ariadne que conduz nosso pensador da epistemologia à poesia.

Nosso filósofo chama de “complexo de Prometeu” o esforço para superar proibições; e o que Bachelard nos propõe é de “elencar, sob o nome de **complexo de Prometeu** todas as tendências que nos impulsionam a saber tanto quanto nossos pais, tanto quanto nossos mestres, mais que nossos mestres”⁷ Este esforço de superação da tradição se transforma, em seguida, em esforço para superação de si mesmo e de superação estética e metafísica da realidade objetiva; pode-se dizer, pois que Prometeu, na *Poesia do Fogo*, torna-se o símbolo do homem criador, do super-homem, da desobediência criadora, da audácia. Prometeu é, no mito grego, um símbolo da raça humana que mescla em si mesma a ingenuidade e o ardil, na sua aventura para dominar as forças do mundo atual; no mito de Prometeu uma infinidade de idéias é recolhida; encontramos aí os motivos do fogo, do pássaro, do homem audacioso. Estes motivos representam, aí, a mudança,

o idealismo e a coragem; são cifras da perpétua metamorfose do ser, e a expressão de seu vir-a-ser. O mito mostra ainda Prometeu como o iniciador das artes⁸; ele é, pois, o símbolo do artista, do poeta. O homem criador, cria um mundo e esta criação é uma superação: superamos a antiga sabedoria dos pais e dos mestres, superamos a nós mesmos, sonhamos com um ser-mais, sonhando a metamorfose, o vir-a-ser, de que o fogo é matéria e símbolo.

Em suma, podemos dizer que, na poética de Gaston Bachelard, *Prometeu* é o nome da *metamorfose do ser*, enquanto superação, desafio em direção a um ser-mais.

A meditação sobre a metamorfose e o vir-a-ser é desenvolvida ainda por Bachelard na *Psicanálise do Fogo*, em torno do que ele chama de “complexo de Empedócles.” O nome do filósofo grego é associado, neste livro de Bachelard, à reflexão sobre o destino do homem e aos sonhos da unidade dos contrários (vida e morte). Empédocles é também o símbolo, na tradição filosófica e na poesia, da *morte na e pela beleza*.⁹ Bachelard afirma que o poema de Holderlin, *Empédocles*, é o poema da libertação pela morte, o poema do instante supremo em que se encontram o ser e o nada, o homem e o cosmos.

A morte de Empédocles é pois o símbolo da adesão do homem à seu destino de luz, a seu “destino ígneo”¹⁰, a seu destino poético de transfiguração no cosmos.¹¹ Esta morte é também o símbolo da tarefa da filosofia, a partir da morte exemplar de um pensador: a tarefa de depurar “o fogo vulgar do mundo”, de buscar a morte “como um retorno a uma pátria celeste”¹², de desejar a morte como um retorno a uma plenitude do ser, fusão com a Inteligência Cósmica, ápice de um mundo.

Estes motivos - a superação, a metamorfose, a unidade entre a vida e a morte - encarados como símbolos do destino do homem, são retomados no estudo bachelardiano sobre o mito da Fênix.

Para Bachelard, estas imagens, enquanto nos fazem sonhar, nos libertam; é a libertação do homem (pela poesia),

da prisão da vida quotidiana, da realidade objetiva. A linguagem dos poetas, a linguagem dos mitos, as imagens a partir das quais sonhamos, instituem um mundo, um novo reino, que permite ao homem *o direito de sonhar*.

Para nosso filósofo, *a Fênix é o símbolo da poesia*, da sublimação absoluta, da abertura à transcendência, às potências verticais a linguagem.¹³

A Fênix fala de nosso vir-a-ser, de nosso destino solar, de nosso ser-mais, de nossa possibilidade de magnificar "a vida nos fulgores do sonho"¹⁴; este pássaro mítico é, para Bachelard, o símbolo do instante poético, da lucidez do poeta, que trabalha na fronteira do sonho, para renovar, criar um mundo.¹⁵

O que a meditação a propósito dos mitos de Prometeu e da Fênix, e a meditação a respeito da vida lendária do filósofo Empédocles nos ensinam, é a correspondência entre "fogo, perfume, canto, vida, nascimento, morte"¹⁶, a unidade dos contrários num ser-mais, visto como a finalidade do homem. Sonhamos tornar-nos mais que um ser humano, isto é, tornarmo-nos poetas. Sonhamos com a metamorfose do ser pela palavra, sonhamos instituir um mundo, a verticalidade fulgurante, o "deslumbramento com as imagens novas"¹⁷, no "esplendor do psiquismo lírico"¹⁸. Esta vida poética, esta vida nas alturas do humano: é a meditação sobre o fogo que a ela nos conduz.

A meditação sobre a chama, a meditação sobre o fogo leva-nos a compreender o ser do homem, as relações entre a imaginação e a memória, a solidão do sonhador. A chama guia o pensador solitário na sua ascensão a um ser-mais, a chama lhe apresenta um modelo de verticalidade e de fidelidade a si mesmo.

A chama queima; queimando, faz pensar no sonhador que sonha solitário, e na dor do mundo; faz pensar na substância da vida humana: "a vida é um fogo", que descobrimos na "incandescência da meditação"¹⁹

Sonhando com o fogo e o mundo, o pensador encontra o "parentesco entre a luz, as flores e os frutos" e a água;²⁰ a árvore e os frutos são expressões do sol no mundo

vegetal; as árvores, os frutos e as flores, como as fontes, buscam a luz, buscam o sol; são "ontofanias da luz"²¹, da verticalidade do ser.

O ser floresce; esta é a mensagem das árvores e das flores ao homem: como as árvores, "devemos nos abrir sem reservas à dimensão das Alturas - uma Altura que recebe a dignidade do sagrado".²²

Em suma, podemos dizer que, para Bachelard, a meditação sobre os mitos, as lendas e as imagens do fogo, a partir da mitologia grega, da tradição filosófica e da poesia, o leva a descobrir uma metafísica poética do homem, enquanto este é um ser de metamorfose, cujo destino é um eterno vir-a-ser em direção a um ser mais.

O fogo constitui a essência do homem e do mundo: o mundo da imaginação e dos valores, da superação de si mesmo, do amor entre o homem e a natureza; isto é, a essência do mundo da vida poética, da via poética em direção à unidade primordial.

NOTAS

- (1) *La Psychanalyse du feu*, p.10.
- (2) id. *ibid.*
- (3) id. *ibid.*, p. 23.
- (4) id. *ibid.*, p. 19.
- (5) id. *ibid.*, p. 179.
- (6) *La Flamme d'une chandelle*, p. 5
- (7) *La psychanalyse du feu*, p. 26.
- (8) *Fragments d'une poétique du feu*, p. 131.
- (9) id. *ibid.*, p. 43/44.
- (10) id. *ibid.*, p. 155.
- (11) id. *ibid.*, p. 160 e segs.
- (12) id. *ibid.*, p. 150.
- (13) id. *ibid.*, p. 48 e segs.
- (14) id. *ibid.*, p. 84; p. 98.
- (15) id. *ibid.*, p. 93 e segs.
- (16) id. *ibid.*, p. 102.
- (17) id. *ibid.*, p. 35.
- (18) id. *ibid.*, p. 42.
- (19) id., *La Flamme d'une chandelle*, p. 65.
- (20) id. *ibid.*, p. 77.
- (21) id. *ibid.*, p. 85.
- (22) id. *ibid.*, p. 87.